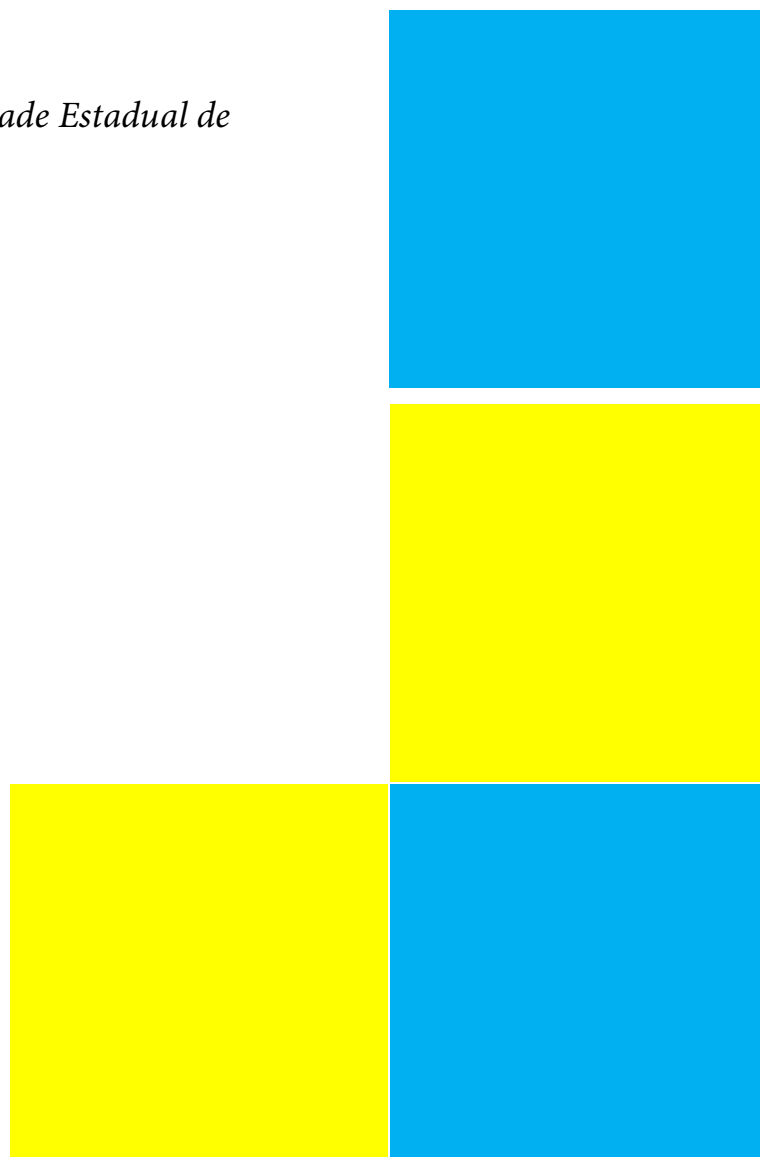


Inventar o tempo da esperança

Ana Cristina Teodoro da Silva

*Professora de comunicação da Universidade Estadual de
Maringá (UEL)*



Resumo: No senso comum, percebemos o tempo como uma linha sucessiva e contínua que vem do passado, chega até o presente e continua ao futuro. Porém, o tempo é matéria complexa, elaborada nos mitos, artes, filosofia e na ciência. Cada propósito humano fundamenta-se em uma concepção de tempo, indicando-nos que criamos os tempos adequados ao que somos capazes de ser. As relações com a história e com os ritmos dos meios de comunicação, por exemplo, são sintomas do tempo presente. A proposta é rememorar as narrativas de alguns pensadores sobre o tempo, dentre eles Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Gilles Deleuze, propondo que o embaralhar e subverter dos tempos tem consequências na cultura, na política, a partir das experiências que estamos, agora, a criar. Inquieta indagar em qual fábrica, e com que forja, inventaremos outras realidades.

Palavras-Chave: Tempo. Mídias. Presente. Passado. Futuro.

Abstract: In common sense, we perceive time as a successive and continuous line that comes from the past, reaches to the present and continues to the future. However, time is a complex matter, elaborated in myths, arts, philosophy and science. Each human purpose is based on a conception of time, indicating that we have created the times appropriate to what we are capable of being. Relationships with history and the rhythms of the media, for example, are symptoms of the present time. The proposal is to recall the narratives of some thinkers about time, including Walter Benjamin, Giorgio Agamben and Gilles Deleuze, proposing that the shuffling and subverting of times has consequences for culture, politics, based on the experiences we are now experiencing. create. It is uneasy to inquire in which factory, and with what forge, we will invent other realities.

Keywords: Time. Medias. Present. Past. Future.

Vivemos o absurdo. Após as eleições de 2018, acirrou-se ainda mais uma polarização, em que cada lado reconhece-se como o bem, tendo o outro como o mal. Desta feita, é eleito o candidato militar, favorável a armar a população, machista, homofóbico, com imagem de honesto e franco. Outro salvador que promete tudo resolver e é lido pela maioria da população como opositor ao sistema. Após vivermos ditaduras, lutas dolorosas dos movimentos sociais, a duras penas clamarmos pela valorização da Amazônia e dos índios, batalharmos por espaço e voz às negras e trans, por direitos básicos aos pobres, a figura de Jair Bolsonaro é uma grande negação, um retrocesso intragável. Certo que compõe a tendência à direita em outros países e que importante parte de sua realização deve-se à corrupção e autoritarismo de uma esquerda que tomou as instituições por quinze anos.

Diante do amargor e medo que toma os grupos marginais, da incompreensão a quem ousa ser crítico ao entendimento de que há apenas dois lados políticos no Brasil, e já sentindo a violência e a quebra da promessa de dias melhores, o que podemos fazer? Não tenho e não pretendo ter a resposta, mas é importante lançar a pergunta. Podemos resistir em nossos princípios, não temer pensar, pois hoje pensar é resistir à barbárie. Persistindo no pensamento como ferramenta de resistência, este texto procura por potencialidades neste momento de agonia, justamente valorizando o momento, o ser no agora, questionando o passado e o futuro, indagando ao tempo como vai nos auxiliar.

Temos a sensação do tempo como um elemento da natureza, algo que sempre esteve e sempre estará, dentro do qual existimos. O tempo parece cruel, porque com sua passagem mede as existências, suas durações e finitudes. Norbert Elias (1998) mostra como a humanidade fez um grande esforço para transformar o tempo que parecia descontínuo na continuidade que hoje sentimos, ou seja, fabricamos os modos de perceber o tempo, de acordo com nossas crenças e cosmologias. Foi uma longa trajetória a que associou tempo e espaço, criou calendários. Com a modernidade, instrumentos mecânicos de medição foram desenvolvidos, nos separamos dos ritmos da natureza transformando-a em objeto e gerando séries familiares de dicotomias, como sujeito x objeto, natureza x cultura. Gilles Deleuze define a ciência moderna sobretudo por isolar o tempo como uma variável. (DELEUZE, 1983) O tempo é coisificado e parece homogêneo.

Jacques Le Goff, em texto clássico (Na Idade Média: tempo da igreja e tempo do mercador, publicado em 1960), narra uma paisagem na qual o tempo dos sinos e das ave-marias, embalado pela ascese cristã, deixa de ser o que ordena a sociedade, dando espaço ao tempo mecânico e mais preciso dos relógios, das fábricas, posicionando homens-operários em tempos e espaços. Poucos anos depois, Michel Foucault questionará a disciplina como biopolítica conveniente ao capitalismo.

Le Goff faz parte da chamada Nova História francesa, tendência do século XX que surge rebelando-se ao historicismo do XIX, com suas narrativas cronológicas, de causas e consequências sucessivas, resultando em histórias políticas de grandes fatos e personagens. Para os novos historiadores, convivem diferentes temporalidades, de curta, média e longa duração. A constituição do objeto indicará qual a temporalidade adequada. Assim, uma história da sexualidade deverá ser feita na longa duração. Estudar as políticas públicas para Educação no Brasil seria matéria de média duração e pesquisar a herança das manifestações de junho de 2013 seria exemplo de análise de curta duração. Tais temporalidades podem dialogar, tem correspondentes metodológicos e problemáticas próprias, por exemplo, quais fontes estão disponíveis na longa duração.¹

Simultaneamente à Escola de Annales, considerada a primeira geração da História Nova, Walter Benjamin criticava a ideia do progresso inevitável e à previsibilidade da ciência, em um tempo que parece vazio e a ser preenchido pela sucessão de fatos. Benjamin aponta a intensidade do tempo do instante, dentro do qual a história é uma experiência com o passado. Saudoso dos narradores e das artimanhas da memória como parte da cultura oral, Benjamin mostra consciência de que a forma da narrativa está associada à qualidade da experiência. Em 1936, no escrito O Narrador, alerta que a velocidade cada vez maior da técnica destrói o artesanato das conversas lentas, dos contatos cuidados e orgânicos, dos gestos que trazem o passado para o presente. Considera que a arte de narrar está em extinção, e com ela a sabedoria. Estaríamos perdendo a faculdade de trocar experiências. Substituímos a narração pela informação, que já vem cheia de explicações (BENJAMIN, 2012).

¹ Para maiores discussões sobre as características da história nova, ver BURKE (1991) e LE GOFF (1990).

Dramaticamente, quanto menos tempo temos, mais curtas tornam-se as histórias. Benjamin problematizava a história curta - que diria do Twitter? As experiências perdem comunicabilidade, foi-se o tempo em que o tempo não importava.

Para Benjamin, as verdades não estão no passado como representação pronta e ordenada. O passado brota no perigo do presente, no chamado do presente, fragmentário, descontínuo. Seria assim, por exemplo, que uma imagem da ditadura civil-militar no Brasil é forjada na campanha de Bolsonaro e lida como adequada por seu eleitorado, imagem que associa a ditadura a honestidade e patriotismo. O passado nos dirige um apelo, afirma Benjamin em “Sobre o conceito da história”. No Brasil, não temos elaborada essa memória de modo crítico, ela pulsa e está ressignificada em uma narrativa autoritária atualizada, que se diz portadora de segurança e transparência.

Precisamos nos redimir do passado. Articula-lo historicamente não é conhecê-lo como foi, mas ser capaz de procurar o passado no momento do perigo. “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 2012, p. 244)

É incomodamente atual o apelo de Benjamin de que precisamos construir um conceito de história para lutar contra o autoritarismo. Lá, o argumento do inimigo era o progresso. Cá, o desenvolvimentismo e o soberanismo. O olho iludido vislumbra um futuro melhor. A proposta é, agora, assumir qual passado grita para ser digerido. Explodir o curso homogêneo é uma oportunidade revolucionária, nas palavras de Benjamin, na luta pelo passado oprimido. O tempo de agora sintetiza a história da humanidade, trata-se de captar a conexão desta época com época anterior, em uma história não linear, em saltos.

É comum à nossa cultura duas noções de tempo, opostas, mas correlatas. O tempo da eternidade (aion) e o tempo diacrônico (chrónos). De acordo com Giorgio Agamben (2005, p. 91), a sociedade humana produz um resíduo diferencial entre diacronia e sincronia, que é a própria história, o tempo humano. O objeto da história não é a sucessão de eventos, mas a oposição entre diacronia (evento puro) e sincronia (estrutura pura) que caracteriza a sociedade humana. Dialogando com Benjamin, Agamben afirma que a

história em sua essência é intervalo, descontinuidade. O lugar da história é entre diacronia e sincronia, *aion* e *chrónos*, natureza e cultura, vivos e mortos.

Toda história traz uma concepção de tempo, toda cultura produz uma experiência do tempo. As histórias desejam combater o caráter destrutivo do tempo. Na Grécia antiga, o tempo era circular e contínuo, uma absoluta imobilidade, sem direção. A experiência cristã traça uma linha reta, o mundo fora criado no tempo e acabará no tempo, do Gênesis ao Apocalipse. O mundo é finito e limitado, daí a imagem do tempo como linha, processo. (AGAMBEN, 2005) A modernidade torna laico o tempo cristão, se apropria do tempo retilíneo, porém retira toda ideia de sentido. O antes e o depois tornam-se o sentido, que é apresentado como histórico, daí a concepção de progresso, desenvolvimento, processos orientados cronologicamente.

Em Marx, que não formulou uma teoria do tempo, temos uma duplicidade angustiante, a realidade diacrônica da práxis em uma estrutura sincrônica, indicando a impossibilidade do homem de apropriar-se de sua natureza histórica. Cada um é visto como um ponto temporal dissociado, a crítica dos pontos sucessivos que formam a linha é condição, para Agamben, de uma nova concepção de tempo. Busca nos gnósticos a ideia de um tempo incoerente e não homogêneo, que aparece no átimo em que o homem tem consciência de sua condição, recusa o passado, nada espera do futuro. Já para os estoicos, o tempo pode ser uma experiência libertadora, não é objetivo, surge da ação e decisão do homem. Trata-se do *cairós*, momento em que a decisão e ocasião coincidem, concentrando em si os vários tempos. A experiência imediata que exemplifica a sensação desse outro tempo é o prazer, que não é homogêneo, não cabe em um espaço de tempo, a cada instante é completo. “A história, na realidade, não é, como desejaria a ideologia dominante, a sujeição do homem ao tempo linear contínuo, mas a sua liberação deste: o tempo da história é o *cairós* em que a iniciativa do homem colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade.” (AGAMBEN, 2005, p. 126)

As mudanças significativas sempre são vividas como tempos em suspensão. O revolucionário recorda a história na suspensão do tempo do prazer, carrega essa lembrança, e procurará sempre essa promessa, do prazer, não no tempo da cronologia, mas agora. Nossa ação hoje seria, portanto, reconhecer o desejo, ter consciência de sua

potência, chamar o passado que nele está, expressar este momento. Deixar fluir as linhas de fuga, não obstaculizar devires. Perguntar: qual passado grita aqui, neste presente?

No livro “O tempo que resta”, Agamben (2016) analisa as dez palavras iniciais da carta de Paulo aos romanos, para entender o tempo messiânico de Benjamin, o “tempo de agora”. A radical abreviação do tempo, o tempo contraído, breve, é o tempo que nos resta, é o nosso tempo, já. A vocação messiânica não discerne imanente de transcendente, os tempos estão sobrepostos. Trata-se de permanecer no chamado, colocar as coisas velhas de lado, não se prender a identidades. Desapropriar-se do passado, da lei, usar a lei, o lugar do agora é movimento, é ação, é a potência do uso sem se sentir proprietário. Criar um espaço que escapa à tomada do poder, não conflitando com a lei, mas tornando-a inoperante. A violência não consegue conter a potência fraca do desejo, que atua no fora, no entre.

Podemos perguntar qual é o inesquecível do agora, o que exige permanecer conosco. A mim parece que o autoritarismo, o soberanismo, o machismo e a transfobia insistem em permanecer. Quando recusamos reconhecer o que exige estar presente, a exigência se manifesta de modo perverso. É muito difícil permanecer atento, pois aquele que permanece atento é sempre um apartado, um separado. Contudo, a esperança, a crítica, o inconformismo também permanecem na medida em que são por nós significados.

O resto a que se refere o tempo de Agamben, o tempo que resta, é um excesso do todo em relação à parte, e da parte em relação ao todo. O povo não é todo nem parte, é resto. Jamais coincide consigo mesmo, e é o único sujeito político real. (AGAMBEN, 2016, p. 73)

O tempo escatológico, do apocalipse, é o fim do tempo. Não deve ser confundido com o tempo messiânico, que é o tempo do fim, o tempo que resta, que se contrai e começa a acabar. No agora, o tempo explode, está indeterminado. Excede o *chronos*. A experiência real do tempo não é representável. A linha reta constituída de pontos é uma representação, mas não faz pensar no tempo, ao contrário, aliena do tempo, acaba por separar representação e pensamento, imagem e experiência. Pensamento e representação do tempo não tem como coincidir. “Nossa representação do tempo cronológico nos separa de nós mesmos, transformando-nos em espectadores impotentes de nós mesmos,

espectadores que olham o que escapa. O tempo messiânico, como tempo operativo, é o tempo que nós mesmos somos, o único tempo real, o único tempo que temos.” (AGAMBEN, 2016, p. 85)

O cairós, o agora pleno, está dentro do chronos, não é um outro tempo, mas um chronos abreviado, contraído. Trata-se da possibilidade de distender o tempo para torná-lo apreensível. A cada momento de desejo, estamos “entre”, distendendo. O tempo de desconexão da cronologia é o tempo do Messias, que introduz um resto, uma zona de diferença que força um face a face com o passado. O passado reencontra atualidade e o presente ganha uma espécie de completude. Cada agora é um ato a ser salvo, a instância decisiva, que pode acertar as contas com o passado. Benjamin pergunta: como não perder a oportunidade? Estamos sempre a perde-la, a menos que deixemos fluir o desejo.

Como um poema, tendemos ao fim. Porém, temos nosso próprio tempo, como o poema, o tempo que levamos para findar. Na fraqueza do presente, há uma grande potência. No ato, no fazer, na realização do desejo, a potência da redenção, como resto, rompe a expectativa das causas e consequências lineares.

Para além mesmo da existência ou da essência, a produção de vínculos resulta, precisamente, em amor (!): uso livre e gratuito do tempo e do mundo. A potência do dizer em que há correspondência entre boca e coração não se exaure, não pode ser roubada, não se impõe. Ocorre de graça, não como fundamento de trocas mas como interrupção das obrigações.

Em “Sobre o conceito de história”, Benjamin deixa um testemunho. A imagem é aquilo em que o passado converge com o presente numa constelação, compondo o tempo messiânico que é a abreviação de toda a história. Para Agamben, as Cartas de Paulo e as Teses de Benjamin formam uma constelação. “A imagem lida, isto é, a imagem no agora da cognoscibilidade, leva ao mais alto grau o molde desse momento crítico e perigoso que está na base de toda leitura.” (2016, p. 166)

Brasil, 2019: o que constela com nosso momento? Qual passado grita e apresenta seu perigo se for meramente enunciado?

Em “A imagem-tempo” (2005), Gilles Deleuze se interessa pelo que o cinema, a imagem-movimento e a imagem-tempo fazem pensar. O filósofo desenvolve uma teoria do tempo que está em elaboração por toda sua obra.²

Virtual e atual são um avesso e um direito perfeitamente reversíveis, imagens mútuas nas quais se efetua uma troca. Tal característica indiscernível entre real e imaginário ocorre também entre o presente e o passado que, como certas imagens, são duplas por natureza. Expressão e conteúdo são difíceis de delimitar, são solidários um ao outro.

A imagem-cristal é uma unidade entre uma imagem atual e “sua” imagem virtual. A imagem é presente e passada, ao mesmo tempo, no já. O presente é o atual, e seu passado contemporâneo é a imagem virtual. Cada momento de nossa vida é atual e virtual, percepção e lembrança. A imagem virtual, ou lembrança pura, não é um estado psicológico, existe fora da consciência, no tempo. O arranjo de Deleuze faz sentido com nosso exemplo: uma virtualidade do autoritarismo brasileiro, existente no tempo, é atualizada nas eleições 2018, inclusive como resposta à decepção com a corrupção da esquerda petista na última década.

O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: já que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado [...] desdobre o presente em duas direções heterogêneas, uma se lançando em direção do futuro e a outra caindo no passado. É preciso que o tempo se cinda ao mesmo tempo em que se afirma ou desenrola: ele se cinda em dois jatos dissimétricos, um fazendo passar todo o presente, e o outro conservando todo o passado. O tempo consiste nessa cisão, e é ela, é ele que se vê *no cristal*. A imagem-cristal não é o tempo, mas vemos o tempo no cristal. (DELEUZE, 2005, p. 102)

² Peter Pal Pelbart trabalha o tempo na obra de Deleuze em “O tempo não-reconciliado” (1998).

O tempo diferencia-se em dois movimentos, e um deles se encarrega do futuro e da liberdade, sob a condição de sair do cristal, criando o real, que escapa do eterno vai-e-vem entre atual e virtual, presente e passado. Presentes se precipitam e passam, passados recaem e se conservam. A liberdade se identifica com o futuro, um impulso, uma abertura ao que virá. Vemos no cristal, portanto, a potência da vida, do tempo. O passado que se conserva possui o impulso do novo. Ao mesmo tempo em que uma possibilidade é realizada, outras permanecem em potência.

Deleuze não é contraditório à concepção de Benjamin e Agamben. Unindo as perspectivas em nosso exemplo, agora o Brasil realizou um governo autoritário, mas podemos prestar atenção aos nossos problemas, escutar quais passados gritam por serem presentificados, e dar-lhes expressão, linguagem, espaço, mantendo assim outras possibilidades, não apenas para o futuro, mas para hoje, na medida em que a esperança é realizadora em sua fragilidade.

A queixa do que poderia ter sido e não foi é o “tarde-demais”, matéria da arte. A arte reencontra o tempo, depois da obra pronta, depois da vida vivida. Este reencontro desvela a unidade da natureza com o homem, a junção do que continuamente separamos.

Cada cristal do tempo, ou ritornelo, fabrica tempos diferentes. Sua força não aparece porque não é sistemática. (DELEUZE; GUATTARI, 2012) A distância crítica é um ritmo. É trabalho rítmico fazer comunicar o elementar e o cósmico, relacionar tempos longuíssimos e tempos curtos.

Para Deleuze, confrontando o tempo puro e vazio kantiano, o que a forma do tempo revela é o informal do eterno retorno, a repetição das diferenças. (CASTRO, 2006/8) Para que algo novo seja produzido, e é isso que interessa agora, é necessário um eu que se projeta na imagem da ação, que se torna capaz da ação, no presente da metamorfose, executando uma cesura. No futuro, vislumbrado, a ação é dotada de coerência e estilhaça qualquer identidade. Assim o novo é produzido. É no futuro que o eterno retorno é determinado.

Qual cesura podemos produzir no agora? A alegria que anima está na crença do futuro, do novo, que romperá, abandonará tudo que pretende ficar igual. Antes de ser

sucessivo, o tempo é heterogêneo. Se pensarmos a coexistência paradoxal de passado, presente e futuro, podemos fabricar possibilidades, subverter tempos, a partir do tempo distendido do desejo.

[...] concepção enlouquecida da temporalidade feita de várias dimensões coexistentes, que se sobrepõem e se entrecruzam: uma simultaneidade de presentes impossíveis, a coexistência de passados múltiplos e a abertura para um futuro absolutamente irreduzível, seja ao presente ou ao passado. Tempo multidimensional, intensivo, heterogêneo, que constitui a própria fonte da heterogeneidade e faz o eu desabar como centro unitário do sentido. Esta é a experiência da cesura. Mas ela é estática, é o puro Instante. (CASTRO, 2006/8)

É feito assim o tempo da esperança, o tempo que confia na criação na complexidade, pois o desejo não pode ser contido e o presente é prenhe de possibilidades. Certamente Brasil é colonialismo, genocídio indígena, escravidão, machismo, violência e injustiça. Ao mesmo tempo, indígenas resistem até hoje, mantendo sabedorias que podemos compartilhar. Negros, mulheres e trans tem conseguido espaços de voz que não podem ser menosprezados. Os que sobrevivem expressam, a cada dia, a resistência rebelde dos restos. Que temporalidades foram experienciadas nestas trajetórias de vida? As narrativas cronológicas e seus poderes institucionais, as explicações coerentes de simples causas únicas com efeitos previstos não dão conta. Como as minorias, os restos, tem escapado dos “inimigos que não cessam de vencer”?

Antonio Negri aposta no Kairós ³, o tempo do instante, um presente único e aberto. Este momento é potente, gerador. Enunciar o nome comum, comum a muitas coisas e nomes, lança possibilidades ao porvir, ajudando a construí-lo, organiza-lo. O gesto linguístico que lança sementes ao futuro é a imaginação, potência cognitiva, “o risco

³ Mantenho a grafia utilizada pelos autores/tradutores referenciados.

e o amor do conhecer, da construção de lugares comuns do nome, da prospecção criativa do porvir”. (NEGRI, 2003, p. 51)

Kairós, o instante, realiza o nome comum na prática. O mundo é interpretado e, ao mesmo tempo, transformado. Consciência e ação constituem a práxis. Negri afirma que do presente olhamos o passado para recuperar a vitalidade que o criou, o que ali se exprimia. É no instante que produzimos a eternidade, é o finito que dá potência ao eterno. Assim, o tempo do kairós é a desmedida entre o antes e o depois, e é o corpo que põe em contato o antes eterno e o depois porvir, em relação produtiva. A expressão do processo é experiência de construção do que é comum. A razão, por meio do nome comum, produz amor, que é conhecimento.

Em defesa do materialismo, afirma que kairós ama os insurgentes, que impõem a dureza da matéria a qualquer transcendência. A resistência é afirmação do ser. “O campo materialista é o campo das verdades comuns, criado na desmedida da produção entre eterno e porvir.” (NEGRI, 2003, p. 93)

Hoje, para que haja um nome comum, o amor deve investir o contexto político, sendo política a produção do nome comum entre pobreza e amor. Amor é trabalho vivo, biopolítico. O trabalho é vivo quando expõe-se à desmedida, quando, com amor, é potente para “criar ser onde só há vazio”. (p. 199)

O corpo é microcosmo, o macrocosmo correspondente é o “intelecto geral”. A multidão é um conjunto irreduzível de singularidades, sempre suja, em que, por meio da linguagem e cooperação, constrói-se o sujeito biopolítico do gerar amor e trabalho vivo.

A esperança de Negri diz respeito a não obedecer, ser livre. Gerar, constituir o comum. Ser capaz de decidir no comum. Um autogoverno de multidão produz uma subjetividade revolucionária. Resistir e rebelar-se, na tensão entre pobreza e amor. Produzir novas temporalidades e novos espaços comuns, cooperativos. Agir na desterritorialização. Misturar raças e culturas que geram o comum.

Peter Pal Pelbart propõe pensar o tempo como rizoma, um tempo diferenciado. O possível é atual sem ser real, o virtual é real sem ser atual. O possível não basta, é necessário trabalhar o virtual. Ao pensamento cabe pensar o impensável, que não é do domínio do real, mas do virtual. Pensar o impossível com os paradoxos do tempo, quem sabe gerando

paradoxos de sentido, produtivos. Enquanto reproduzirmos o mesmo, não há criação. Quem opera o mesmo é o senso comum. O paradoxo sabota sujeito e objeto, liberando o devir louco.

Os tempos são múltiplos e coexistem, virtualmente, acontecimentos intempestivos convivem. A aventura do pensamento é reintroduzir os impossíveis no mundo estilhaçado. O mundo necessita manter a produção do novo, a capacidade de criatividade. A história é mantida por forças reativas, que conservam a vida, acomodam, regulam, reproduzem. A força ativa é de metamorfose, que afirma sua diferença. Assim, a crítica é força ativa, quando é destruidora e criadora. Pensar ativamente é agir de maneira intempestiva, em favor de um tempo que virá.

O mundo constitui o indivíduo, e não o contrário. O sujeito é uma interface entre o virtual e o atual, “ao mesmo tempo cisão entre os dois planos e crivo de atualização, contraindo aquilo de que procede e dele se distinguindo: temporalizando.” (PELBART, 1998, p. 54) A individuação ocorre quando o ser se descompassa, se defasa em relação a si mesmo, efetuando a operação de cisão temporal, distinguindo passado e presente, encontrando seu sentido. Tal descompasso ocorre quando é realizada a ousadia do desejo. O investimento no desejo é revolucionário. Desejo estimula alianças, propaga-se por contágio. Sua temporalidade é livre, rizomática, intempestiva. O desejo depende de que acreditemos nas possibilidades, na terra como vida. Desafio.

No interior do sujeito do pensamento, a força do tempo gera diferença. O sujeito é, ao mesmo tempo, representação e variação contínua, tal dissimetria possibilita transformações.

Nem círculo, nem reta, Gilles Deleuze propõe a imagem de um círculo descentrado, em que retas apontam outras trajetórias, círculos do outro, da diferença. O movimento é caótico, e é próprio do ser que devém tornar a vir. Caos e ciclo são imanentes. O presente é fundamento do tempo, contrai passado e futuro. A proposta é pensar o acontecimento que o excede na dimensão do futuro. Quem sabe, então, afirmando o futuro, não podemos criar um excesso, um sem cabimento, um intempestivo que procurará sua realização? O intempestivo é a interface entre o instante e o futuro.

Para isso, desprender-se de si, lutar contra o hábito, servir-se do hábito e da memória, mas deixá-los pelo caminho. Recusar ciclos que forem simples demais. (PELBART, 1998) O pensamento se dá contra o presente. Nossa tarefa é inventar condições de invenção.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **O tempo que resta**: um comentário à *Carta aos Romanos*. Tradução Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales, 1929-1989. Tradução Nilo Odália. São Paulo: EDUNESP, 1991.

CASTRO, Claudia. O tempo que já não rima: Deleuze e Hölderlin. **Revista Lugar Comum** – Estudos de mídia, cultura e democracia, n. 23/4, 2006/2008

DELEUZE, Gilles. **Cinema – a imagem movimento**. Tradução Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, [original: 1983]

DELEUZE, Gilles. Os cristais de tempo. **A imagem-tempo**. Tradução: Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Cinema 2)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. vol. 4. Tradução de Suely Rolnik.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LE GOFF, Jacques. Na idade média: tempo da igreja e tempo do mercador. **Para um novo conceito de Idade Média**: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa: Estampa, 1980.

LE GOFF, Jacques (dir.) **A história nova**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

NEGRI, Antonio. **Kairós, Alma Venus, Multidão**: nove lições ensinadas a mim mesmo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Tradução de Orlando dos Reis e Marcello Lino.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1998.